

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XVI



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1977

MIECZYSLAW RODZIEWICZ, *La céramique romaine tardive d'Alexandrie*, Var-sóvia, 1976; 72 p.; 34 est.; 63 fot.

Esta monografia inaugura uma nova série de publicações sobre Alexandria. O material estudado compreende as cerâmicas finas encontradas nas escavações que desde 1961 o Centro Polaco de Arqueologia Mediterrânica do Cairo tem efectuado em Kôm el-Dikka, mesmo no centro da cidade. São cerâmicas que datam dos meados do séc. m d.C. até ao séc. viii, incluindo produtos fabricados no Egipto e importados do Mediterrâneo Oriental. Com excepção de dois pequenos grupos muito tardios e de significado meramente local — uma cerâmica engobada de branco proveniente do Alto Egipto e outra com vidrado de chumbo — os restantes, que são a maioria e não ultrapassam o ano da conquista árabe em 641, entram na categoria genérica das impropriamente chamadas, no Ocidente, «sigillatas claras».

Consciente de que a qualidade da argila e os aspectos tecnológicos são os mais importantes de entre os critérios de classificação das cerâmicas, Rodziewicz estendeu a sua investigação aos materiais de muitas outras escavações (Edfou, Deir-el-Bahari, Tell Atrib no Egipto; Faras Dongola, Kulb, Ukma, Turmukki, Tangur e Sunnarti na Núbia; Nea Paphos em Chipre e Mirmeki na Crimeia) a fim de melhor alicerçar a sua sistematização que supera os estudos anteriormente publicados sobre as produções egípcias; para as cerâmicas importadas utilizou a classificação de Waagé por considerá-la a mais corrente. Estão representados os grupos *late Roman A* (*fine fabric* = C de Lamboglia), *late Roman R* (*middle and late phase* = D de Lamboglia), *late Roman C* e *late Roman D* (*Cypriot sigillata*); as produções locais imitam as importadas e constituem três grupos (K, O e W segundo o Autor) que por vezes apresentam uma decoração pintada (KP, OP e WP).

Julgamos que esta classificação teria sido algo diferente — e com vantagem — se o autor tivesse podido utilizar no seu estudo a obra *Late Roman Pottery* de J. Hayes; embora a cite na bibliografia geral, não lhe faz qualquer referência no texto terminado no mesmo ano (1972) em que ela foi editada; tal facto acarretou, entre outros inconvenientes, a imediata desactualização da panorâmica que nos é oferecida sobre a investigação das cerâmicas finas romanas tardias da bacia mediterrânica. O desconhecimento das publicações recentes sobre o Mediterrâneo Ocidental e a faixa atlântica portuguesa, explica a citação de dois artigos de Palol-Salellas datados de 1948 e 1958 para demonstrar que na Espanha estes estudos também se desenvolveram mas nem sempre as cerâmicas analisadas têm que ver com as que se encontram em Alexandria e no Egipto (p. 20); e, mais adiante, ao tratar da difusão da *late Roman C*, a afirmação de que ela se limita ao Próximo Oriente, à Ásia Menor e à bacia do Mar Negro.

A propósito desta categoria, é importante notar que em Kôm el-Dikka não figura nas camadas do séc. iv, aparece timidamente no séc. v e forma conjuntos mais importantes no séc. vi ao lado dos grupos B e D com os quais desaparece ainda na primeira metade do séc. vii.

As formas registadas correspondem aos tipos 3 e 10 de Hayes nas suas variantes mais tardias. De reter, o perfil do pé de prato ilustrado na est. 8Ca, que o autor atribui à primeira fase desta produção, citando um paralelo em Istria (Mar Negro); trata-se de uma forma desconhecida e de um tipo de pé completamente estranho ao reportório da «sigillata clara».

As dificuldades que todos os estudiosos têm experimentado em distinguir umas das outras as produções do séc. m (A e C de Lamboglia) e as do séc. iv (C e D do mesmo autor) sentiu-as igualmente Rodziewicz (p. 26 e 31) o que não justifica, no entanto, a confusão gerada na pág. 28 onde se lê que o grupo A (= C de Lamboglia) surge c. 80 d.C. na África do Norte mas só atinge Alexandria nos meados do séc. m. O que na realidade começou a praticar-se durante o período flaviano foi a *early late B* de Waagé ou seja, a A de Lamboglia. O aparecimento das formas A₁, A₄, A₅ e A₇ do Autor (45, 48 e 50 de Hayes) em número relativamente elevado, juntamente com moedas de Maximiano e de Probo, não pode causar estranheza. A data proposta (p. 29) para o começo da importação para Kôm el-Dikka (c. 250-275) está perfeitamente de acordo com a cronologia actualmente aceite para o início da produção daquelas formas. Pelo contrário, surpreende a afirmação (p. 33) de que o grupo B foi importado desde a segunda metade do séc. m quando as formas em jogo são as B5, B6, B13 e B14 do Autor, cujo aparecimento Hayes situa em c. 325, c. 360 e c. 320 (para as duas últimas; cf. as suas formas 61 A, 67 e 59B). Aliás, quem esteja interessado em afinar a cronologia destas cerâmicas não pode deixar de aprofundar as consequências advindas das associações e exclusões que o autor verificou na estratigrafia, entre as diversas categorias de cerâmica. A importação do grupo B prosseguiu — segundo ele — ininterruptamente, até ao terceiro terço do séc. vii ou ligeiramente mais cedo.

A cerâmica importada de Chipre constitui um núcleo importante que alarga a tipologia registada por Hayes (*Late Roman Pottery*, 1972, p. 371-386); estudos de natureza diversa conjugam-se para provar que a sua importação maciça ocorreu entre 610/611 e 616 quando o patriarca de Alexandria era um cipriota; além desta precisão (Cf. Hayes *op. cit.*, p. 424) o Autor constatou que estes produtos, ainda que raros no Egipto, se concentraram em Alexandria, onde se utilizaram até mais tarde do que qualquer das outras produções importadas, competindo com os fabricos locais.

Sobre estes apresenta Rodziewicz um estudo cuja confrontação com o que Hayes publicou sobre o mesmo assunto (*op. cit.*, p. 387-401) constitui uma árdua tarefa.

As fotografias, de qualidade superior à dos desenhos, embora sofram pela impressão em mau papel, ajudam bastante a caracterizar os fabricos analisados.